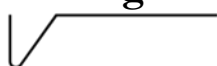


Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica



Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior¹

Sendo bastante franco consigo mesmo, quando se fala em torcedores organizados de futebol qual a imagem que lhe vem à mente? É provável que seu imaginário, construído ao longo dos anos, leve-o a fazer alguma associação, quase que imediata – mesmo que com variados graus de conhecimento –, à violência, rebeldia juvenil e seus derivados. Mas, afinal de contas, quem são os torcedores organizados para além dessa imagem estigmatizante que se forjou sobre eles?

As torcidas organizadas (TO's) carregam o peso simbólico das essencializações metafóricas, que as contextualizam a partir de um conjunto de estereótipos que, em termos gerais, recobrem as classes populares, de onde historicamente vicejaram expressões como “classes perigosas” e “comportamentos transgressores”². No entanto, como afirma Toledo (1996, p. 32):

[...] Estes indivíduos vivenciam experiências comuns que não podem ser, todavia, reduzidas somente a um discurso normativo sobre a violência, expresso nos

¹ SOUZA JUNIOR, R. A. P.. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar). Bacharel em Ciências Sociais pela UFSCar (2019), pesquisador do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS – UFSCar). Trabalha em perspectiva etnográfica – e fotográfica –, com torcidas organizadas de futebol que são também escolas de samba do carnaval paulistano. E-mail: r.alencarjunior@hotmail.com

² Para uma maior compreensão dessa relação entre TO's e classes populares na cidade de São Paulo, inclusive em meio a Pandemia de COVID-19, favor consultar na bibliografia: TOLEDO; SOUZA JUNIOR, 2020a.

jornais como *foram criadas* para bater. Não obstante, a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (federações, clubes) e que, sob este aspecto, as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade.

Sob este aspecto, cabe contra-argumentar que, as imagens que ultrapassam a associação entre torcedores organizados com a violência devem receber algum tratamento mais crítico para além da narrativa, pouco sociológica, que sentencia uma dualidade estanque entre torcedores violentos e/ou pacíficos. Trata-se, antes, de retratar um conjunto de vivências em torno de sociabilidades populares que transcendem os eventos mais críticos, capturando seus membros na esfera de outras imagéticas do cotidiano, revelando experimentações e modos e vida de torcedores como moradores da periferia da cidade de São Paulo³.

Desde as já aludidas ondas de violência que agitaram as TO's, sobretudo nos anos 1990, uma das formas responsáveis pela estigmatização, enquanto coletivos violentos e baderneiros, foram as imagens na mídia, que, sistematicamente, sustentaram a dramaticidade das coberturas esportivas e que fixaram no imaginário popular a violência como expressão única dessa sociabilidade, estigmatizando-as como agrupamentos marginais e párias do futebol profissional masculino.

Certo é que, identificadas no senso comum somente como portadoras de uma sociabilidade – de imagem – violenta (HIKIJ, 2012) e como agentes que performam e maximizam um *sofrimento esportivo* fanatizado, as TO's fazem parte de fluxos de conexões populares mais multidirecionais no enfrentamento dessas visões reducionistas a elas frequentemente impingidas. Afinal, “o torcedor [organizado] é o trabalhador, o estudante, a dona de casa, o malandro, o marginal, o policial, o dirigente, o político” (TOLEDO, 1996, p. 12).

Assim, como no caso em tela, retratando experiências de membros dos Gaviões da

³ Para perceber outro viés dessa sociabilidade torcedora na periferia, agora durante a pandemia, favor conferir na bibliografia: TOLEDO; SOUZA JUNIOR, 2020b.

Fiel⁴, esses indivíduos militantes podem ser também a(o) sambista, a(o) passista, a(o) ritmista... Ou seja, um corpo que, além de vivenciar as arquibancadas do futebol, experimenta, também, a sociabilidade advinda das passarelas do samba. Melhor dizendo, das práticas pertinentes a escola de samba que também habita a TO⁵.

Da corporalização da sociabilidade à produção de outras visualidades, torcer e sambar têm recolocado questões relevantes que podem ser analisadas mais detidamente, inclusive através da visualidade. Por isso, a fotografia e a imagem possuem um papel importante na (des)construção do estigma historicamente forjado, como bem fez Joon Ho Kim (2015) em relação às representações visuais dos corpos de cadeirantes no rúgbi. Não se trata, aqui, de retê-los como objetos, ferramentas ilustrativas ou “provas”; antes, de vislumbrar essas representações como perspectivas estéticas e imagéticas da etnografia, isto é, uma forma de registrar e, com isso, permitir alguma agência às imagens acerca das múltiplas práticas torcedoras que transcendem tais estereótipos.

Nessa medida, não utilizo fotos posadas ou que possam aludir alguma extravagância performática. Mas, sim, capturo regularidades que operam uma espécie de agência estética e visual das práticas de sociabilidade no interior de cada torcida e entre elas. Portanto, a imagem fotográfica, aqui em perspectiva etnográfica como proposto por Caiuby Novaes (2014)⁶, busca problematizar tais estigmatizações e apresentar, de *maneira estratégica* (JOON HO KIM, 2015), uma nova perspectiva dos corpos de torcedoras organizadas e torcedores organizados.

⁴ Como aponta Souza Junior (2020:63): “‘Os Gaviões da Fiel’ é a nomenclatura nativa utilizada para se referir à torcida e à escola, mesmo que ambas as categorias sejam do gênero textual feminino, são proposadamente ignoradas pelo pronome masculino que pressupõe o portentoso nome ‘Gaviões’. Para isso usam a justificativa de que formam um coletivo plural, no qual a singularidade textual feminina não suportaria. Todavia, é possível perceber em seu cotidiano que esse apego pelo masculino é muito mais do que apenas restrito ao chamamento”.

⁵ Fundado em 1969, os Gaviões foram pioneiros, dentre as TO’s na cidade de São Paulo, a seguir também os caminhos do samba. Já em 1975 como bloco de carnaval, após “nascer” de maneira espontânea como uma ala da Escola de Samba Vai-Vai. “Treze anos depois de participar de forma ininterrupta do carnaval de rua, desfilando na Avenida São João, o bloco converteu-se em 1989 em uma escola de samba. Após assensos e descensos, em 1994 a Gaviões sagrou-se campeã do carnaval paulistano”. (BUARQUE DE HOLLANDA; MEDEIROS, 2018. p. 44). Hoje é, além de Torcida Organizada, uma importante Escola de Samba do Grupo Espacial do Carnaval paulistano. Ou como eles nativamente chamam, “uma torcida que samba”.

⁶ Segundo a autora, a fotografia, em perspectiva etnográfica, se difere de meras imagens representativas ou fotografias comuns, pois, como aponta: “[...] sem se aproximar é impossível uma boa foto”. p. 61. E etnografia é também, aproximação.

Afinal, como bem aponta Lima (2000, p. 7), “o que um corpo é depende, intrinsecamente, de uma perspectiva. Sendo assim, todo corpo é disponível para vir a ser o que é para uma perspectiva alheia”. Este ensaio sobre uma TO específica – os Gaviões da Fiel, observada em 2019), é para ser visto, sentido e reescrito com uma nova letra. Uma narrativa em que o colorido é, na verdade, o preto e branco da vida cotidiana. O que historicamente, para boa parte da mídia, pareceu não ter cor o suficiente para ser retratado.



Gaviões da Fiel - caminhada pós-carnaval. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Casal Gaviões na arquibancada. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Quadra dos Gaviões. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Gaviões desde cedo. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Pessoa com deficiência (PCD) também é TO. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Gaviões da Fiel – de geração em geração. Foto digital. SOUZAJUNIOR, 2019.



Gaviões da Fiel – arquibancada. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Família Gaviões da Fiel. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Gaviões da Fiel – *Um amor que floresce de criança*. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Torcedor na pele, no caminhar. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



TO's – Paternidade e maternidade em jogo. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Quadra Gaviões. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



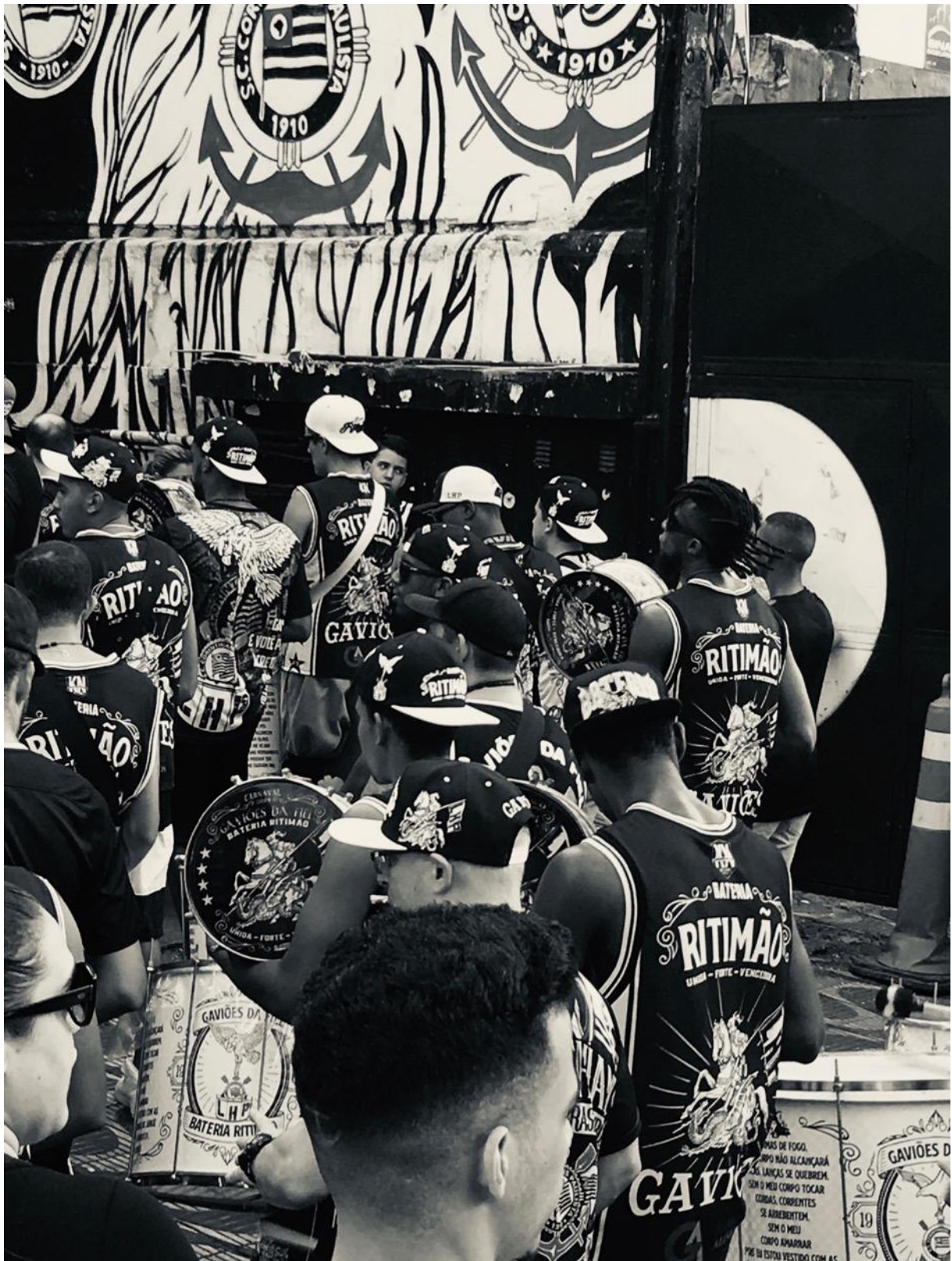
Quadra Gaviões da Fiel. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Bateria Gaviões da Fiel... no futebol. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Bateria Gaviões da Fiel... no samba. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Gaviões da Fiel – *Uma torcida que samba*. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Gaviões da Fiel no Bom Retiro – Ruas de Samba. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.



Samba que torce nas ruas do Bom Retiro – SP. Foto digital. SOUZA JUNIOR, 2019.

Referências

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MEDEIROS, Jimmy. *Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano*. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, jul. 2018. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73873>>.

Acesso em: 06 Nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73873>.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia*. Cadernos de Arte e Antropologia, Salvador, v. 3, n. 2/2014, p.57-67, 2014. Semestral. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/245>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-violência - Etnografia de um cinema provocador*. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. v. 1. 200p .

KIM, Joon Ho. *O rúgbi em cadeira de rodas: um breve ensaio sobre a (des)construção da imagem da deficiência física*. In: CAIUBY NOVAES, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: EdUSP, 2015, 43-70.

LIMA, Tânia Stolze. *Que é um corpo?* In: *Religião e Sociedade*, 2000, n. 22, v. 1, p. 9-20.

SOUZA JUNIOR, R. A. P.. *Diário de campo – registros fotoetnográficos*. 2019.

SOUZA JUNIOR, R. A. P.. *Corpos que torcem: as questões de gênero e as lógicas masculinizantes de torcidas organizadas de futebol*. Anais da Semana de Ciências Sociais da UFSCar. v. 16, n. 3, p. 58-74, 2020. Disponível em: <http://www.semanasociais.ufscar.br/analisis-semana-de-ciencias-sociais-da-ufscar/>. Acessado em: 07 Nov. 2020.

TOLEDO, L. H. de.; SOUZA JUNIOR, R. A. P.. *Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19*. Ponto Urbe [Online], 26 | 2020a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8706>. Acessado em: 06 Nov. 2020.

TOLEDO, L. H. de.; SOUZA JUNIOR, R. A. P.. *Sociabilidade pandêmica? o que uma Antropologia urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19*. Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 29(supl), p. 53-64. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp53-64>. Acessado em: 06 Nov. 2020b.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados e Anpocs, 1996.